

VIOLÊNCIA/ Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro contabiliza 4 mil tiroteios por ano no estado. Em média, há uma troca de tiros a cada 2h10. Aplicativo Fogo Cruzado registrou 2,7 mil notificações de disparos de arma até o momento, número superior ao de 2016

Bala perdida atinge 632

» ALINE BRITO*
» MAIZA SANTOS*

Um ônibus foi incendiado no início da tarde de ontem no bairro Catumbi, Rio de Janeiro, em represália à morte de um morador do Morro de São Carlos, vítima de tiroteio durante patrulhamento da Polícia Civil. O episódio é mais um capítulo da interminável crise de segurança pública que o estado vive, intensificada nos últimos meses. Os hospitais estaduais do Rio atenderam 1.650 baleados até junho. Em todo o ano passado, foram 2,1 mil. Nos três primeiros meses de 2017, 1.867 pessoas morreram vítimas de homicídios, roubos, agressões e em operações policiais.

A população protesta, não aguenta mais ser vítima da guerra ao tráfico. Nos últimos seis meses, 632 pessoas foram atingidas por bala perdida, de acordo com dados da Polícia Civil. Vanessa dos Santos, de 11 anos, estava dentro de casa, em uma comunidade de Lins de Vasconcelos, quando foi atingida por um tiro na cabeça e morreu. Samara Gonçalves, de 14 anos, sobreviveu a uma bala perdida que perfurou seu pulmão quando ela andava pelo pátio de sua escola, na Baixada Fluminense.

O bebê Arthur foi vítima, antes mesmo de nascer. Retirado às

pressas do útero da mãe, depois de ser atingido por bala perdida, ele teve o pulmão perfurado, fratura na clavícula, corte na orelha e está paraplégico, mas, segundo os médicos, o quadro é reversível. A mãe, Claudineia dos Santos, recebeu alta na quinta-feira e já está em casa.

O Secretário de Segurança Pública do Rio, Roberto Sá, afirmou na última quinta-feira que policiais não são orientados a atirar em situações de embate com bandidos. "O errado não é o policial que está numa ação e vai ser recebido a tiro. O errado é o criminoso que age com tanta impunidade e com tanto acesso a armas", disse.

Para a pesquisadora da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV/DAPP), Maria Isabel Couto, a relação entre moradores de favelas e policiais é marcada por traumas. "É um histórico de enfrentamento. Primeiro, as invasões, as casas serem respeitadas ou não, depois tiroteios e mortes. É preciso um trabalho forte com esses moradores e policiais. O discurso da secretaria era de algo parecido com policiamento comunitário, a gente viu avanços importantes nesse sentido. O problema é que ficou grande, cresceu rapidamente. O soldado da UPP ficou conhecido como miojo porque fica pronto

Jose lucena/Futura Press/Folhapr



Ônibus incendiado: protesto contra morte de homem durante patrulhamento no Morro de São Carlos

em três minutos. Formação rápida não instruí, não prepara a cabeça do policial", avalia.

Dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) mostram que o número de homicídios dolosos e por oposição à intervenção policial subiu de 2.424, nos primeiros cinco meses de 2016, para

2.809 de janeiro a maio de 2017. O Rio de Janeiro tem, em média, uma troca de tiros a cada 2h10. São 4 mil tiroteios por ano, segundo a Secretaria de Segurança.

Sobre a guerra ao tráfico, ela defende ampla discussão sobre a legalização das drogas. "Existem vários países que discutem

a questão. A gente precisa fazer um debate amplo, levando em conta aspectos sociais, saúde pública. Enquanto (drogas) forem proibidas, o foco deveria ser os grandes traficantes, essa desarticulação que precisa funcionar. Do contrário, vai aumentar o poder dessas facções

que dominam o tráfico de dentro dos presídios."

A Anistia Internacional contabilizou mais de 2,5 mil notificações de tiros ou disparos de arma de fogo no Rio de Janeiro no último semestre do ano passado, uma média de 18 por dia. Foram registradas pelo menos 539 vítimas e 570 feridos, de acordo com o aplicativo Fogo Cruzado, que disponibiliza as estatísticas de tiroteios no estado. Dentre os mortos, 52 eram agentes públicos de segurança — outros 90 foram baleados. Este ano, as notificações do aplicativo já ultrapassam as registradas em todo o ano passado. No total são 2.747. O mês de pico foi junho, quando houve 748 tiroteios, contra 478 em maio.

Para a professora Tânia Montoro, do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de Brasília (UnB), segurança, saúde, educação e meio ambiente são políticas estaduais e não federal. "A polícia está desmotivada por falta de salário e 13º. Policial também paga conta. Outra questão é a entrada de armas pesadas no Rio de Janeiro e o desemprego. O estado está em guerra. A primeira coisa a se fazer é sanar as contas, sem fazer emendas para créditos", afirma.

* Estagiárias sob supervisão de Rozane Oliveira